

# Invasão indígena cria conflito em MS

Uma manifestação com mais de 2 mil pessoas reuniu ontem representantes de 47 sindicatos de produtores e trabalhadores rurais e habitantes de Antônio João, a 316 quilômetros de Campo Grande (MS), em protesto contra os guaranis-caiovs. Há duas semanas, 250 índios invadiram uma fazenda e transformaram o local em sede de investidas contra lojas e residências do município. Eles reivindicam uma área de 25 mil hectares, na

linha da fronteira entre Antônio João e Pedro Juan Caballero, no Paraguai, alegando que construirão ali uma nova nação para seu povo, tomada pelos brancos desde o descobrimento do Brasil.

Pág. A10

## QUESTÃO INDÍGENA

# Índios ameaçam população de cidade em MS

### Outros conflitos estão ocorrendo em Roraima e Pará por causa de demarcação de terras

**C**AMPO GRANDE - Os habitantes de Antônio João, a 316 quilômetros de Campo Grande (MS), concentraram-se, ontem, na frente do prédio da Câmara Municipal para um protesto contra os índios guaranis-caiovs, que estão invadindo a cidade.

A manifestação, que reuniu mais de 2 mil pessoas, contou com a participação de representantes de 47 sindicatos de produtores e trabalhadores rurais, liderados pela Igreja Católica. Há duas semanas, 250 índios invadiram a Fazenda Fronteira, no quilômetro 12 da Rodovia MS-12, e transformaram o local em pólo de investidas contra lojas e residências do município.

O diretor de Assuntos Fundiários da Fundação Nacional do Índio (Funai), Valter Cotrim, chegou ontem a Campo Grande e deverá iniciar hoje o processo de demarcação das terras indígenas no município de Antônio João. Ele e sua equipe estarão na Aldeia Campestre, onde vivem 400 índios em apenas 11 hectares.

De acordo com levantamento dos próprios indígenas, a área reivindicada tem 25 mil hectares e está na linha de fronteira entre Antônio João e Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Os índios alegam que construirão ali uma nova nação para seu povo. Velhos caciques e feiticeiros convenceram os caiovs de que a região é parte integrante do Morro Maracatu, berço da raça, tomado pelos brancos desde o descobrimento do Brasil.

O prefeito de Antônio João, Dácio Queiroz Silva (PMDB), afirma que as autoridades locais não acreditavam na gravidade do problema, o que o levou a viajar para Brasília, para um encontro com o presidente da Funai, Sullivan Silvestre, que prometeu "providências".

**Demarcação** - Em Roraima, nem mesmo os índios se entendem quanto à demarcação da Reserva Raposa Serra do Sol (norte do Estado), assinada pelo presidente Fernando Henrique em dezembro. Por isso, desde o fim da tarde de quarta-feira, 77 deles, representando 44 malocas, estão acampados na sede da Funai em Boa Vista.

Acompanhados de mulheres e filhos, os índios afirmam que representam outras entidades das etnias macuxis, tauarepangs e ingaricós e não foram consultados sobre a demarcação, em terras contínuas, de 1,6 milhão de hectares.

Segundo o tuxaua (chefe de maloca) Percival Pereira, somente foi ouvida a opinião do Conselho Indigenista de Roraima a respeito do assunto.

Os tuxauas entendem que a demarcação poderia respeitar as fazendas produtivas e planejam ir a Brasília, onde querem expor a questão ao ministro da Justiça e também ao presidente da fundação.

No Pará, 120 caiapós da Reserva Baú-Mencranoti, entre os municípios de Novo Progresso e Altamira, estão na iminência de um confronto armado com fazendeiros, moradores e pequenos produtores rurais.

O problema está numa portaria assinada dia 14 de dezembro pelo ministro da Justiça, Renan Calheiros, ampliando de 890 mil hectares para 1,8 milhão de hectares o tamanho da reserva.

A nova demarcação será iniciada nos próximos dias, mas fazendeiros e moradores de Novo Progresso dizem ter "direitos adquiridos" sobre áreas de terras que, segundo eles, nunca pertenceram aos índios.

Os fazendeiros avisam que não permitirão a demarcação das terras e se dizem dispostos a enfrentar os índios.

"Pode estourar um confronto armado a qualquer momento", adverte o prefeito de Novo Progresso, Juscelino Rodrigues (PSDB), que promete estar hoje em Brasília para buscar uma solução no Ministério da Justiça.

**Hostilidade** - Em Antônio João (MS), a movimentação dos índios começou no dia 20 de dezembro, quando um grupo resolveu acampar nas proximidades da Fazenda Fronteira e hostilizar pessoas que passavam pelo acampamento. Encarada inicialmente como simples baderna, a ação dos índios cresceu na última semana. Há dois dias, para chamar a atenção das autoridades, a população bloqueou o tráfego de veículos na MS-12 das 14 às 17 horas. (João Naves de Oliveira, Zequinha Neto e Carlos Mendes)

**N**O PARÁ, HÁ  
IMINÊNCIA DE  
CONFRONTO  
ARMADO





Sede da Funai em Boa Vista, invadida por 77 índios, que protestam contra a demarcação de reserva

## Mais de cem áreas têm problemas

*Conflitos geralmente são causados por demarcações feitas de forma aleatória*

EDSON LUIZ

**B**RASÍLIA - Mais de cem, das 561 áreas indígenas existentes hoje no País, estão com problemas por causa de litígio entre brancos e índios. Nem mesmo a Fundação Nacional do Índio (Funai) tem o número exato dos conflitos, mas técnicos da instituição acentuam que a situação é grave em pelo menos 28 áreas. Em algumas, a falta de definição judicial arrasta-se há anos, como a área Limão Verde, no Mato Grosso do Sul, dos índios terenas, que foi demarcada em 1928 pelo então Serviço de Proteção do Índio (SPI), invadida há quase 30 anos por 26 famílias de colonos.

Na maioria das cem áreas indígenas com problemas, segundo levantamento do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), as demarcações das terras foram feitas aleatoriamente ou obedecendo registros históricos. A mudança constante da legislação provocou dúvidas que levaram a confrontos. No Alto Javari, no Amazonas, seringueiros, madeireiros e índios corubos já se enfrentam desde 1966, o que resultou em mais de 200 mortos.

A confusão começou com a extinção do SPI, na década de 60, e as leis que vieram anos depois. Uma delas, de 1967, dava plenos poderes aos índios sobre suas terras, mas dois anos depois a junta

militar tornou essa decisão nula. A partir daí, todos os antigos moradores passaram a ter direito a essas mesmas terras, desde que tivessem títulos definitivos.

Segundo Auro Faleiros, diretor de Assuntos Fundiários da Funai, o maior problema hoje do governo está em Roraima. A demarcação, no mês passado, da área denominada Raposa Serra do Sol, onde vivem as tribos macuxis, uapixanas, taurepangues e inagricós, está sendo

questionada por fazendeiros e posseiros da região, que fizeram protestos ao longo da semana passada em Boa Vista. O problema acentuou-se porque um grupo indígena defende os fazendeiros, enquanto a maioria das tribos é contra.

**M**MUDANÇA  
 DA LEGISLAÇÃO  
 PROVOCOU  
 DÚVIDAS